

PRODUTO EDUCACIONAL

HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

FUNDAMENTOS NIGHTINGALEANOS

Aline Silveira Alves Figueiró
Ilda Cecília Moreira da Silva



A Enfermagem é uma arte; e para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso, quanto a obra de qualquer pintor ou escultor (...).

Florence Nightingale



**MESTRADO
PROFISSIONAL
ENSINO EM CIÊNCIAS
DA SAÚDE E DO MEIO AMBIENTE**





Origens da Enfermagem

Embora as origens da enfermagem sejam anteriores a meados do século XIX, a história da enfermagem profissional tradicionalmente começa com Florence Nightingale.

Nightingale, a filha bem-educada de pais britânicos ricos, desafiou as convenções sociais e decidiu se tornar enfermeira.





Cuidar de estranhos, seja em hospitais ou em suas casas, não era visto como uma carreira respeitável para senhoras de boa educação, que, se desejassem amamentar, deveriam fazê-lo apenas para familiares doentes e amigos íntimos.



Em um afastamento radical dessas visões, Nightingale acreditava que mulheres bem-educadas, usando princípios científicos e educação informada sobre estilos de vida saudáveis, poderiam melhorar drasticamente o atendimento de pacientes doentes.



Além disso, ela acreditava que a enfermagem proporcionava uma vocação independente ideal, cheia de liberdade intelectual e social para as mulheres, que naquela época tinham poucas outras opções de carreira.





Em 1854 Nightingale teve a oportunidade de testar suas crenças durante a guerra da Grã-Bretanha. Guerra da Crimeia.

Histórias de jornais relatando que soldados russos doentes e feridos, atendidos por ordens religiosas, se saíram muito melhor do que os soldados britânicos inflamaram a opinião pública.

Em resposta, o governo britânico pediu a Nightingale que levasse um pequeno grupo de enfermeiras para o hospital militar de Scutari (atual Üsküdar, na Turquia).





Poucos dias depois de sua chegada, Nightingale e suas enfermeiras haviam reorganizado o hospital do quartel de acordo com a ciência do século 19: paredes foram esfregadas para higienização, janelas abertas para ventilação, alimentos nutritivos preparados e servidos e medicamentos e tratamentos administrados com eficiência.

Dentro de poucas semanas, as taxas de mortes despencaram e os soldados não estavam mais adoecidos por doenças infecciosas decorrentes de más condições sanitárias.



Em poucos meses, um público agradecido sabia do trabalho da “Dama da Lâmpada”, que fazia rondas noturnas confortando os doentes e feridos. No final do século 19, todo o mundo ocidental compartilhava a crença de Nightingale no valor de enfermeiras educadas.



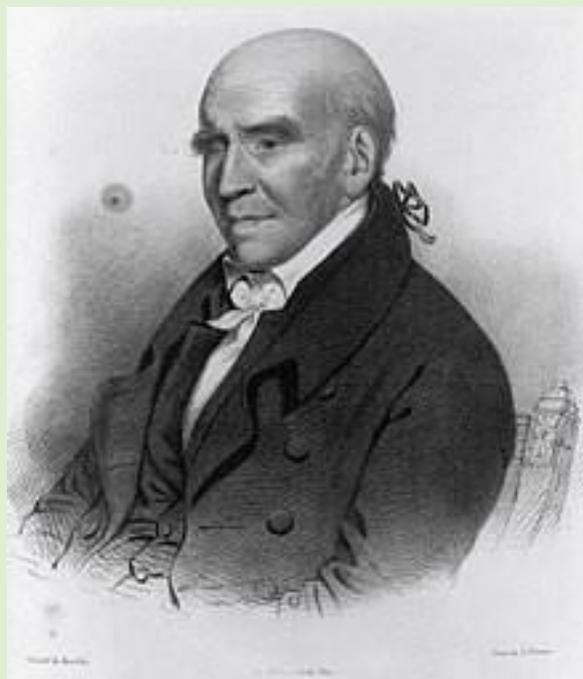


As conquistas de Nightingale ofuscaram outras maneiras de cuidar dos doentes. Durante séculos, a maioria dos cuidados aos doentes ocorria em casa e era responsabilidade de famílias, amigos e membros respeitados da comunidade com reputação de curadores eficazes.



Durante epidemias como cólera, tifo e varíola, os homens assumiram papéis ativos de enfermagem.

Por exemplo, Stephen Girard, um rico banqueiro nascido na França, conquistou os corações dos cidadãos de sua cidade adotiva de Filadélfia por sua corajosa e compassiva assistência às vítimas da epidemia de febre amarela de 1793 .



Stephen Girard 1750-1831



À medida que a urbanização e a industrialização se espalhavam, aqueles sem famílias para cuidar deles se viram em hospitais onde a qualidade dos cuidados de enfermagem variava enormemente.

Alguns pacientes receberam excelente atendimento. As mulheres de ordens religiosas de enfermagem eram particularmente conhecidas pela qualidade dos cuidados de enfermagem que prestavam nos hospitais que constituíam.

Outros hospitais dependiam de pacientes em recuperação ou contratavam homens e mulheres para os cuidados de enfermagem aos pacientes.





Às vezes esse atendimento era excelente; outras vezes era deplorável, e a falta de confiabilidade dos cuidados de enfermagem hospitalares tornou-se um problema particular no final do século 19, quando mudanças nas práticas e tratamentos médicos exigiam enfermeiros competentes.

A convergência das necessidades dos hospitais, dos desejos dos médicos e do desejo das mulheres por um trabalho significativo levou a um novo profissional de saúde: o enfermeiro formado.





Os hospitais estabeleceram suas próprias escolas de treinamento para enfermeiros.

Em troca de palestras e instruções clínicas, os alunos ofereciam ao hospital dois ou três anos de cuidados de enfermagem especializados e gratuitos.

Esta base hospitalar teve implicações significativas a longo prazo.

Vinculou a educação dos enfermeiros aos hospitais e não às faculdades, um vínculo que não foi definitivamente rompido até a segunda metade do século XX.





O modelo de formação hospitalar também reforçou a segregação na sociedade e no sistema de saúde. Por exemplo, estudantes de enfermagem afro-americanos foram barrados em quase todos os hospitais e escolas de treinamento americanos.

Eles poderiam buscar treinamento apenas em escolas estabelecidas por hospitais afro-americanos.

Acima de tudo, o modelo de formação hospitalar fortaleceu a estereotipagem cultural da enfermagem como trabalho feminino.

Apenas alguns hospitais forneceram treinamento para manter os papéis tradicionais dos homens na enfermagem.



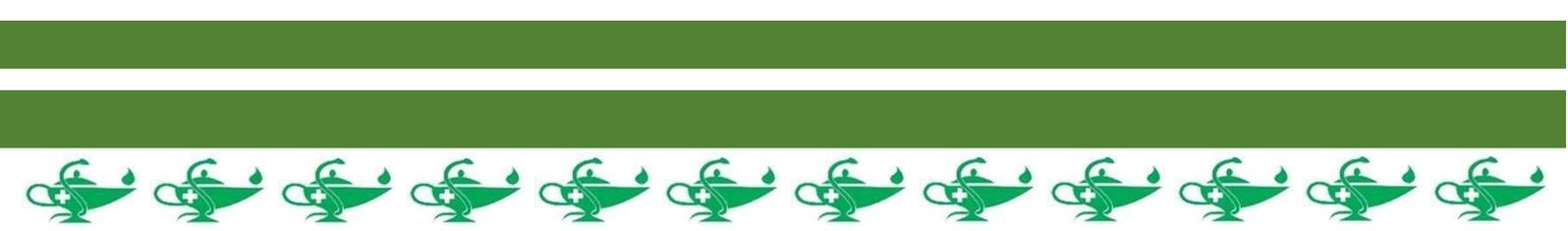


Ainda assim, as enfermeiras transformaram os hospitais. Além do cuidado especializado e compassivo que deram aos pacientes, eles estabeleceram um ambiente ordenado, rotineiro e sistematizado dentro do qual os pacientes curavam.

Eles administraram tratamentos cada vez mais complicados e regimes de medicação. Mantiveram os protocolos assépticos e de controle de infecção que permitiram a realização de cirurgias mais complexas e invasivas.

Além disso, experimentaram diferentes modelos de intervenção de enfermagem que humanizaram procedimentos médicos cada vez mais técnicos e impessoais.





Teoria Ambientalista de Florence Nightingale

O cuidado pode ser expressado em pré e pós Teoria Ambientalista escrita por Florence Nightingale, que trabalhou nos campos de batalha na guerra da Criméia.

Ali, a falta de saneamento básico e ambiental e a maneira que se encontrava os pacientes, resultava em uma alta taxa de mortalidade, exigindo atenção imediata.





A Teoria Ambientalista conceitua que o ambiente influencia diretamente a recuperação do paciente, então a teoria preconiza os fatores ideais para a organização do ambiente são eles: ventilação, iluminação, limpeza, ruídos, odores e alimentação.

Conforme Nightingale (1989), “deve-se conservar o ar que o paciente respira tão puro quanto o ar exterior, sem deixa-lo sentir frio”.

Assim, a teoria a ventilação deve ser realizada arejando o quarto do paciente e o ar puro deve vir da área externa através das janelas deixando o quarto mais fresco.





Os corredores e pátios deve ter circulação de ar para arejar o ambiente se não ocorrer pode ocorrer a estagnação do ar causando danos na saúde.

Nightingale descreveu que a iluminação deve ser observada pela enfermeira o paciente não perca o calor vital sendo um componente vital e essencial para sua recuperação. Cabe ressaltar que a luz é essencial a sobrevivência de todos os seres vivos.

A limpeza, além de remover matérias nocivas, deve dar alívio e conforto, a enfermeira deve se preocupar sempre com a lavagem das mãos e a limpeza do quarto do paciente.





Assim, entende-se que limpeza exerce total influência sobre o processo saúde/doença.

Os ruídos devem ser uma grande preocupação para a enfermeira, considerando que o silêncio deve prevalecer no quarto, de modo a contribuir para uma boa recuperação do paciente .

Nota-se, até os dias atuais, placas com a palavra “silêncio” em diversas instituições de saúde.

Os odores oriundos das patologias devem ser observados e retirados pelos enfermeiros e qualquer outro odor que estiver no ambiente deverá ser retirado.





Na verdade, todo e qualquer fator que incomode o paciente deve ser eliminado.

A alimentação deve ser observada pelo enfermeiro, bem como a aceitação e a qualidade da mesma. Vale destacar que esta afirmação se refere à qualidade nutricional, pois muitas vezes, nem todo alimento que é bom para o organismo é bom para o paladar.

Nightingale também se preocupava com o emocional do paciente, ao declarar:

Torna-se incompreensível para qualquer pessoa, a não ser para a enfermeira experimentada ou para paciente antigo, o grau de sofrimento que os nervos suportam ao olhar para as mesmas paredes, o mesmo teto e o mesmo ambiente (NIGHTINGALE,1989).





Durante esse processo, Nightingale descreveu dois tipos de enfermagem: a da saúde e a da doença.

A enfermagem da saúde é aquela que necessita de ensinamento prático e tem como objetivo prevenir doenças e pode ser praticada por mulheres.

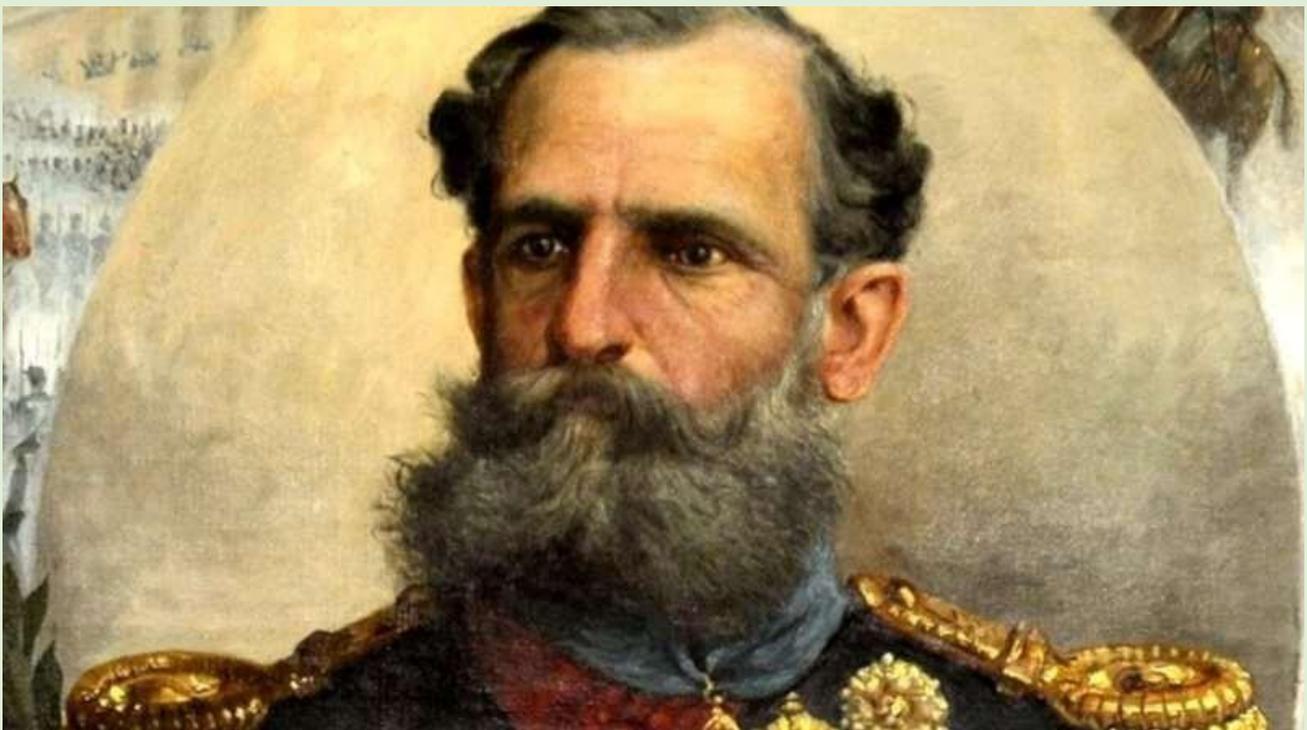
A enfermagem da doença é aquela que a enfermagem é arte e ciência e como tal é necessário treinamento, organização e conhecimento científico para cuidar daqueles pacientes que sofrem algum tipo de patologia.

Em suma, a enfermagem tinha duas funções na época a preventiva e curativa. Nightingale prezava as práticas de observação, experiência e o registro como fundamentais para desenvolver um trabalho que possibilite a recuperação do paciente.



Escolas de Enfermagem no Brasil

A primeira escola de enfermagem no Brasil foi criada em 27 de setembro de 1890, pelo então presidente da república Marechal Deodoro da Fonseca, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE), localizava – se no Rio de Janeiro na época capital da república.



Marechal Deodoro da Fonseca 1827-1892



Essa escola estava vinculada ao ministério da justiça pois na época não havia o ministério da saúde.

A escola era domiciliada no Hospício Nacional dos Alienados, onde abrigava doentes mentais ou antissociais encaminhados pelo sistema penitenciário por isso era lotado no ministério da justiça.



Houve dificuldades para a implantação devido a superlotação a frequência das aulas eram baixas.





Durante alguns anos, a escola ficou lotada ao Serviço Nacional de Doenças Mentais.

Deste modo, equivocadamente, os profissionais formados pela escola eram considerados como enfermeiros que só trabalhavam com psiquiatria, após o decreto nº 791/1980, em que se relatava que os profissionais dessa escola se preparava para trabalhar em hospitais civis ou militares, quantos os hospícios.

A partir da criação da escola, pode ser observada a busca do científico do que é saber, fazer e ser enfermeiros.





Segundo Moreira e Orguisso (2005), Ernani Lopes, em um discurso de inauguração da Escola de Enfermagem da Policlínica de Botafogo, em 1919 disse:

“A escola que funcionava no Hospital dos Alienados não se alimentava apenas a formar enfermeiro para Alienados, mas enfermeiros e enfermeiras comuns para os hospícios e hospitais civis e militares do país”. O regime rotatório do ensino técnico, fazendo que o enfermeiro do estabelecimento trabalhe sucessivamente durante certo tempo em cada uma das diversas seções anexas, de cirurgias, ginecologia, maternidade, oftalmologia, etc., tem como fim evitar a unilateralização consequente ao serviço permanente em uma mesma enfermaria” (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).





O curso teria os seguintes conteúdos: prática de propedêutica clínica, anatomia, fisiologia, higiene hospitalar, curativos, cuidados especiais aos enfermos de diversas categorias, banhos terapêuticos, pequenas cirurgias e administração interna e serviços sanitários e econômicos da enfermagem.

Os cursos teóricos seriam realizados três vezes por semana e após iria ter uma visita as enfermarias e as práticas seriam realizadas todos os dias nas enfermarias sob a supervisão do médico e a direção geral.





As disciplinas ofertadas mostram com prioridade a formação de um profissional de visão hospitalar, pois havia uma carência de profissionais com qualificação.

O conteúdo do curso teórico e prático corresponde a um método considerado positivista, onde se aprende na teoria e há aplicação na prática, seguindo o modelo francês.

A teoria era lecionada por médicos e além dos conteúdos forneciam noções de elementos para um bom desempenho profissional. Já as aulas práticas, eram realizadas pelas enfermeiras francesas contratadas pela escola.





Para ser admitida a matrícula, as pessoas deveriam ter até dezoito anos, saber ler, escrever e aritmética, apresentar atestados de bons costumes.

Poderiam ser matriculados até 30 alunos internos e externos. Eles recebiam acomodação, alimentação e um salário mensal de 20\$ no primeiro ano.

A partir do segundo ano, após a primeira aula, passavam a receber 25\$, mas eles deveriam trabalhar como funcionários do local no serviço designado





A preocupação do Estado em remunerar o trabalhador deveria ser de prever as pensões caso eles estivessem impossibilitados de exercer sua função, mas denota-se uma política trabalhista em que assegurava as condições dos trabalhadores e manutenção de serviço.

Os alunos que tinham as melhores notas, recebiam prêmios de até 50\$. Contudo, os enfermeiros e alunos que em qualquer período não exercessem a profissão em hospitais do Estado, perdiam o salário proporcional que recebem





Ao final do curso que podia ser feito em dois anos, era conferido ao aluno um diploma assinado pelo diretor da assistência médico – legal do Alienados. Esse curto tempo de curso ressalta a carência de profissionais e a necessidade de habilitação rápida, minimizando o atendimento precário dos pacientes nos serviços de saúde.

Este diploma dava a preferência a empregos em hospitais do Estado e o seu exercício era de 25 anos, o que dava direito a aposentadoria prevista em lei.

Enquanto estivessem na escola, os alunos estavam sujeitos a penas disciplinares impostas pelas instruções do sistema interno aos empregados





Os cinco primeiros formandos da escola foram: José Joaquim Dias Paredes, Aureliano Francisco de Carvalho, Albertina Gomes Barreto, Conceição da Silva Carvalho e Henriqueta Rosas.

O interesse da escola a serviço do estado era encaminhar os formados para os serviços públicos, garantindo o retorno profissional através de reservas de vagas de trabalho.

Durante muitos anos, a escola mais antiga de enfermagem foi esquecida. Mesmo funcionando foi noticiado na revista Brasil – Médico em abril de 1897 que a escola tinha sido inaugurada em 03/04/1897, sob a direção do Dr. Marcio Wery, médico chefe do hospital dos Alienados





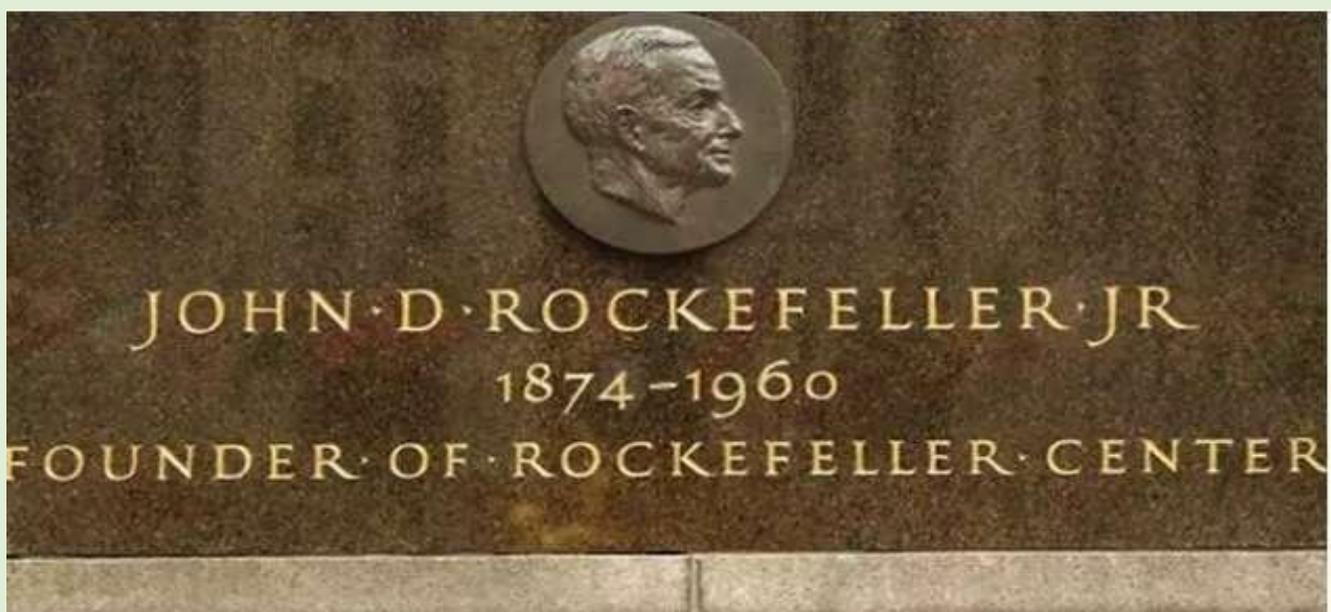
Nesta mesma reportagem, relatava-se que havia começado as disciplinas de fisiologia, propedêutica e anatomia descritiva; contudo, não estava relacionado na literatura se essa inauguração seria uma aula inaugural de início de ano letivo da escola.

O objetivo da escola, era ensinar os funcionários, que trabalhavam no próprio hospício, dar oportunidades para mulheres órfãs que não tinham uma profissão e sustento após os dezoitos anos quando iriam ser convidadas a se retirar do orfanato e além de suprir a falta de mão de obra relacionada a retirada das irmãs de caridade.



Após ser criado o Departamento Nacional da Saúde em 1901 foi implantada a enfermagem moderna implantada por meio de enfermeiras norte americanas.

Mesmo após a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras já ter mais de 30 anos, não foi aproveitado, pois nesse momento político havia varia epidemias principalmente febre amarela com alta incidência na população eles conquistaram com a ajuda da Fundação Rockefeller e de médicos sanitaristas para atuarem durante essas endemias.





A Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras e seu ensino tradicional foi ignorada com o ensino dessa nova enfermagem, a enfermagem moderna.

Durante um longo período, a escola ficou inativa, mais especificamente até 1904, para a reorganização da assistência do hospital realizado pelo Dr. Juliano Moreira. Posteriormente, a escola voltou a funcionar, sendo formados um número elevados de enfermeiro de ambos os sexos.

Já em primeiro de abril de 1906, na revista “O Brasil – Medico”, elogiou-se o hospital dos alienados, relatando-se que o corpo médico para o preparo do enfermeiro teria um padrão superior em ensino a escola francesa.





A enfermagem no Brasil foi regulamentada em 31 de dezembro de 1923 por meio do decreto nº 16300/23, onde regulamentou-se o Departamento Nacional de Saúde Pública.

Dentro desse departamento, houve, ainda, a regulamentação da Escola de Enfermeiras criada em 10 de novembro de 1922, por meio do decreto nº 15799/22, onde ficava em anexo ao Hospital Geral de Assistência e tinha o objetivo de ensinar e diplomar as enfermeiras





Em janeiro de 1923 na cidade do Rio de Janeiro foi fundada a Escola Anna Nery onde o ensino da escola foi a enfermagem moderna. A escola foi criada pelas enfermeiras americanas que vieram a partir de um convite feito pelo Governo, sob a supervisão da Fundação Rokfeller.



Pavilhão de aulas da Escola de Enfermagem Anna Nery





A partir do dia 02 de abril de 1941, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras a escola passou a se chamar Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - EEAP, sendo hoje, a escola de enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.



Após a troca de nome, a EEAP teve como gestão entre os anos de 1943 a 1949 da enfermeira Maria de Castro Pamphiro.





O objetivo do curso seria habilitar enfermeiros assistentes e serviços sanitários e qualificar os enfermeiros formados em serviços de psiquiatria.

A duração do curso seria de dezoito meses para auxiliares e seis meses para enfermeiros diplomados.

Era admitido para enfermeiros auxiliares, ter dezessete anos completos, exames de sanidade mental realizados pela escola, identidade, prova de admissão a nível do então 2º grau e noções de física, química e biologia, estágios e experiências anteriores e verificação de aptidão vocacional.



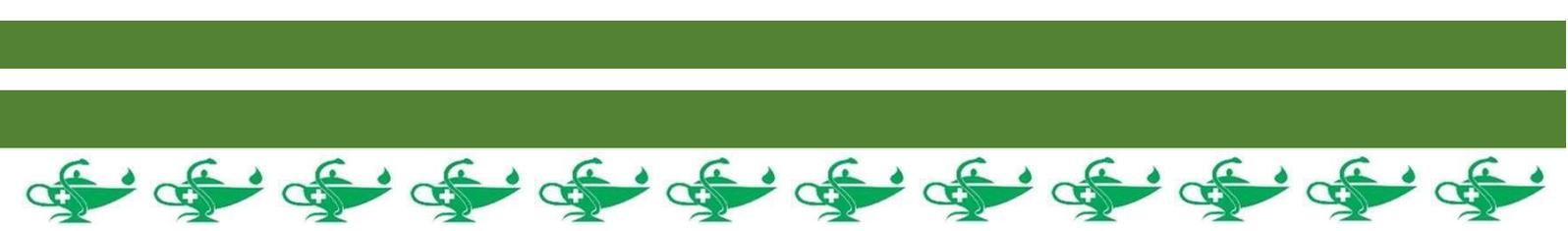


O método de ensino empregado eramarguição, trabalhos de laboratórios, pratica hospitalar, exercícios de aplicação e estágios. Os professores e monitores eram enviados pelo ministério do Estado.

Os alunos tinham auxilio a alimentação, hospedagem vestuários de trabalho e um auxilio mensal para se manterem. Esses profissionais eram diplomados como enfermeiros auxiliares com direitos e deveres definidos por lei.

A escola se localizava na sede da Praia Vermelha e era mantida pelo Serviço Nacional de Doenças Mentais.





Considerações Finais

Entende-se que a História da Enfermagem é um tema que deve ser disseminado entre todos profissionais que estão inseridos no contexto de cuidados em Enfermagem, incluindo profissionais de nível Técnicos.

Espera-se que este Produto sirva como um instrumento para o compartilhamento de conhecimentos acerca de conceitos históricos da Enfermagem, bem como do legado de Florence Nightingale.





REFERÊNCIAS

BESSA, D. F. et al. Perfil epidemiológico dos pacientes queimados no hospital regional de urgência e emergência de Campina Grande-Paraíba-Brasil. **Rev. bras. ciênc. saúde**, p. 73-80, 2006.

COSTA, R. et al. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto & Contexto - Enfermagem**, n. 4, p. 661-69. 2009.

DA MOTTA, R. O. L.; DE OLIVEIRA, M. L.; DE AZEVEDO, S. L Contribuição da Teoria Ambientalista de florence nightingale no controle das infecções hospitalares. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, v. 2, n. 3, p. 112-112, 2021.

GESTEIRA, H. M.; LEAL, J. E. F.; SANTIAGO, M. C. (Ed.). Formulário Médico: manuscrito atribuído aos Jesuítas e encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba. **SciELO-Editora FIOCRUZ**, 2019.

KRUSE, M. Enfermagem Moderna: a ordem do cuidado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, n. 59, p. 403-410, 2006.

MOREIRA.A; OGUISSO.T. Profissionalização da enfermagem brasileira. Rio de Janeiro: **Guanabara Koogan**, 2005.

RIEGEL, F. et al. A teoria de Florence Nightingale e suas contribuições para o pensamento crítico holístico na enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, 2021.

As imagens utilizadas neste material não possuem direitos autorais e estão disponíveis em [shutterstock.com](https://www.shutterstock.com).

